

Relato de experiência

Um “prato cheio”... O que tem para hoje!

Margherita de Cassia Mizan

Ruth G. da C. Lopes



Família é um prato difícil de preparar.

Há famílias doces.

Outras, meio amargas,

outras apimentadas.

(Azevedo, F., 2008)

Durante alguns anos trabalhei com atendimento a famílias em uma instituição de longa permanência para idosos, e o convívio com seus familiares fez com que despertasse em mim interesse por estas relações. Os vínculos e conflitos me motivaram a aprofundar os estudos sobre esses temas. Tive a oportunidade, na disciplina “A Família e o Idoso”, de entrar em contato com novas bibliografias e de participar de debates motivadores. Assim, um olhar mais apurado emergiu...

Fato é que fui convidada para um almoço de família, e às quatro horas em que estivemos juntos forneceram-me um “prato cheio” para a descrição e reflexão que pretendo fazer a seguir.

A partir de textos que já eram conhecidos e de outros que foram apresentados na disciplina, e que geraram calorosos debates ocorridos em aula, podemos destacar: “A Família como Ordem Simbólica” (SARTI, 2004) e “A Velhice na família atual” (SARTI, 2001) e o livro “O Legado Familiar, a tecelagem grupal da transmissão intrapsíquica” (CORREIA, 2000). Nos textos, os autores procuram apreender o contexto sócio histórico das famílias e o modo como esses núcleos constituem os sujeitos.

Segundo Correia (2000, 13), “o grupo familiar é o lugar da emergência e da transformação das relações de identidade e de alteridade”, daí sua importância como objeto de observação.

Abrindo o apetite

Em um sábado, eu e meu namorado fomos para a festa de aniversário do pai de um amigo nosso, que estava fazendo 79 anos, e quando lá chegamos encontramos sua grande família. Neste momento os textos e as discussões realizadas em aula voltaram à minha cabeça.

Eu já sabia sobre a origem familiar de meu amigo - seu pai é de origem japonesa e a sua mãe de origem italiana, formando um casal vindo de culturas diferentes, um dos fatos que chamou minha atenção. Conhecer aquele casal, de origens tão diversas e que construíram uma família, aguçou meu “apetite” - como seria uma família formada por duas culturas tão fortes e tão diferentes?

Minha curiosidade aumentava, bem como as fantasias sobre como seriam os filhos, os netos, seus referenciais simbólicos. Como afirma Sarti (2004, p.14) “sabe-se que não há realidade humana exterior à cultura, uma vez que os seres humanos se constituem em cultura, portanto, simbolicamente”. Então como seriam os membros desta família, uns eram mais próximos à cultura japonesa, outros à cultura italiana, ou uma mistura?

Entrada

Quando cheguei, fui recebida com muita atenção e carinho pelo Sr. A., que demonstrou estar conectado à sua cultura, tanto nos gestos, atitudes, como nos comportamentos próprios de quando se recebe alguém em sua casa. O aperto de mão e um pequeno movimento do tronco para frente, uma reverência ao convidado. Repeti o gesto, também em sinal de respeito, o que levou minha imaginação, imediatamente, aos passeios no bairro paulistano da Liberdade, reduto da colônia japonesa no Brasil.

Depois desta recepção, que aconteceu no portal, fui convidada a entrar na casa onde encontrei a Sra. A., que estava na cozinha. Ela me deu um abraço e beijo calorosos, carregados de emoção, demonstrando sua alegria, característico de sua cultura italiana.

O Sr. A., com sua reverência, fez-me sentir honrada, e a Sra. A., propiciou-me uma sensação alegre e calorosa. Eram formas diferentes de receber um convidado, próprias de cada uma das culturas, que apesar de estarem há muitos anos no Brasil permaneciam presentes como herança cultural, transmitidas pelas suas famílias de origem.

Chegou a salada!

Depois dos cumprimentos e das boas-vindas, o Sr. A. nos levou para mostrar seu jardim, do qual cuida pessoalmente, com plantas e flores diversas que chamavam atenção pela beleza e exuberância. As orquídeas, lindas, coloridas e floridas são o *show* do jardim, em desenhos femininos de várias cores, seduzindo nossos olhos. Depois, as samambaias, o limoeiro, uma parreira de uvas, um “pé” de maracujá e muitas outras que eu não sei os nomes, mas que encheram minha alma de alegria ao ver aquele lugar simples, mas de um cuidado carregado de atenção e carinho que podíamos sentir enquanto caminhávamos entre seu verde.

Dentro da casa, um pequeno tapete servia de espaço para retirada e guarda dos sapatos – tal como acontece nas casas de famílias japonesas quando da entrada em ambientes internos. Uma grande cozinha com mesa para muitas pessoas, com aproximadamente 15 lugares, como as famílias italianas, e também uma sala de jantar com mesa já preparada para 20 pessoas ou mais, arrumada e pronta para receber a família e convidados.

A mistura das culturas saltava aos olhos.

Na interação com pessoas de origens distintas, evidenciam-se esses “incorporados culturais”, ou seja, na diversidade dos encontros possíveis entre sujeitos de diferentes culturas, seja de um grupo para outro ou de indivíduo para outro, cada interlocutor tende a localizar no outro, aqueles aspectos mais individuais que o aproximam no encontro. (CORREIA, 2000, p.63)

O 1º prato

Na cozinha havia um grande fogão à lenha, presente do Sr. A. para a Sr.^a A., herança de suas vidas nas fazendas de café no interior de São Paulo, para a qual migraram suas famílias no início do século XIX e onde cresceram. Estes fatos exemplificam e confirmam que o grupo familiar é o espaço privilegiado tanto da transmissão psíquica geracional inconsciente quanto da transmissão cultural (CORREIA, 2000).

Fui apresentada aos irmãos do meu amigo, que se referia a cada um deles da seguinte forma: “este é o C., o mais novo, o pequeno; este é o J., o do meio depois de mim, o mais que gosta de comer - olha a barriga dele; este é o P., o que está antes do C., depois do J.”. E todos eles falavam do meu amigo como sendo o mais velho e o preferido pela mãe e pelo pai.

Uma abordagem de família como algo que se define por uma história que se conta aos indivíduos desde que nascem, ao longo do tempo, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será, por eles, reproduzida e resignificada, à sua maneira, dados os distintos lugares e momentos dos indivíduos na família. (SARTI, 2004, p.13)

Os netos foram sendo apresentados: “este é filho do C., que tem mais uma menina; esta é a neta, do filho J., que tem mais dois meninos”, e assim foi. Cheguei a conhecer 10 netos, de um total de 12; as duas que não estavam ausentaram-se porque tinham um curso importante para entrada na universidade. Depois conheci as noras, cada uma apresentando-se: como a esposa do filho mais novo, do filho do meio, e assim aconteciam as apresentações.

As noras falavam de como a Sra. A. ajuda com as crianças, tomando conta delas para que possam trabalhar, evitando que as deixem em creches ou com babás. Tal fato nos remete a Sarti (2001, p. 94), quando assevera que “o ingresso da mulher no mercado de trabalho implicou em redefinir o lugar social da criança, cujo cuidado era garantido pela presença cotidiana da mulher em casa, colocando em pauta a discussão deste cuidado fora do âmbito familiar”. Nesta família, sobre a qual refletimos, vemos que seus fortes vínculos afetivos apontam outras possibilidades também importantes para os idosos, quando escolhem, por vontade própria exercer o papel de ‘guardiões’ dos netos.

O prato principal

Quando me dei conta, vi que haviam chegado duas idosas de origem japonesa, apresentadas como sendo as irmãs do Sr. A., e cumprimentaram com um aperto de mão e a reverência, como fez o anfitrião. Contaram da família, das dificuldades dos seus pais aceitarem casamentos com homens de outras culturas, como a libanesa, assim como havia sido difícil aceitarem o casamento do Sr. A. com a Sra. A. Suas histórias eram carregadas de preconceitos e conflitos existentes nas famílias, mostrando que são os velhos que têm o domínio da história familiar, que vai sendo contada de geração em geração, conforme Sarti nos mostra em seu texto.

Os velhos são os que têm o domínio da história familiar, que vai sendo contada de uma geração a outra, identificando os familiares, e conferindo-lhes desde pequenos, um lugar de pertinência. A História contada delimita, assim, as fronteiras que fazem daquele grupo uma família, que se reconhece e é reconhecido como tal. (SARTI, 2001, p.91)

Outros convidados foram chegando, como outros casais amigos dos irmãos, alguns formados por brancos e negros. Este universo de pessoas, cores e

características físicas diferentes atraiu minha atenção, e eu queria saber mais sobre todos que ali estavam, visto que era uma volta ao mundo sem sair daquela sala.

Chegada a hora da refeição a Sra. A., que comandava tudo e todos, anunciou que a comida seria servida e que todos se sentassem à mesa. Ela demonstrava muito capricho e carinho nas coisas que apresentava à mesa, dizendo-se orgulhosa, que tinha feito tudo, que as noras e netas ajudaram em algumas coisas, mas que as decisões do que servir eram dela, mostrando seu lugar bem definido, como a dona da casa. Os idosos eram realmente os donos da casa, os anfitriões, sem que seus filhos assumissem este papel. Tudo estava de acordo com o comando do casal.

Ainda segundo Sarti, há cada vez mais exemplos estimulantes de idosos que são protagonistas de uma velhice que segue os padrões contemporâneos, afirmando-se como sujeitos de direito e de desejo, na família e na sociedade, contribuindo, assim para mudar a própria concepção social da velhice (SARTI, 2001).

Salada de frutas - a sobremesa

Bem, vamos voltar à mesa em que estávamos: as duas irmãs do Sr. A., que são da primeira geração de japoneses nascidos no Brasil; os anfitriões - Sr. A., a Sra. A.; os 4 filhos do casal - a mistura da cultura italiana e japonesa; as noras, que são brasileiras, sendo uma de origem espanhola; os netos, e os convidados: um casal formado pelo neto mestiço com uma moça ruiva; uma neta com o namorado de origem africana, negro; um casal formado por uma mulher branca e um homem negro, brasileiros; um casal de origem italiana; eu de origem italiana e holandesa, e meu namorado, que é de origem romena com russa. As etnias do mundo estavam ali, brancos, negros, orientais e talvez índios – a ascendência de uma das noras não foi possível investigar.

O almoço multirracial acontecia em meio àquela “salada de frutas” cultural, confraternizando-nos, comendo e bebendo juntos - risos e ruídos de conversas era o que ouvíamos.

Sentada ao lado das duas irmãs do Sr. A., aos poucos iniciamos uma conversa. As duas, com mais 70 anos, bem articuladas, tinham movimentos contidos e delicados, como é próprio das mulheres japonesas. A conversa fluía bem, e a mais velha, com 76 anos, contou que seu marido, um libanês, havia morrido há dois anos, agora viúva e com 4 filhos procura estar por perto, além de cuidar dos netos para que a filha médica, possa trabalhar despreocupadamente.

Frequentemente são os pais idosos que se veem diante da necessidade de ajudar seus filhos adultos, o que faz com que os pais continuem no lugar de cuidadores e provedores mesmo na velhice. Na transição que marca o tempo atual, as avós, seguindo a divisão de atribuições

por gênero, ainda têm um importante papel de suporte a mulher – sua filha ou nora – que trabalha remuneradamente, garantindo, ao lado da expansão das creches e pré-escolas, o cuidado das crianças, seus netos. (SARTI, 2001, p.93)

Outro assunto que surgiu durante nossa conversa foi o preconceito, muito presente em sua vida. Seus pais, a princípio, não aceitariam que ela se casasse com um não japonês - o que também aconteceu com o Sr. A. e a Sra. A. -, mas que agora isto não acontecia mais entre eles. Ainda me disse: “olha esta mesa, estamos todos juntos, sem brigas, sem nada. Na minha família é assim, alegria sem preconceitos”.

Ela havia trazido quibe de bandeja, que apendeu com o seu sogro libanês, Sr. Rafie, e disse que eu deveria experimentar, pois a receita tinha mais de 100 anos na família do seu marido. Também me contou que tinha mais um irmão homem, além do Sr. A., que foi para o Japão em busca de trabalho e que morreu por lá, segundo ela de saudades da família que deixou no Brasil, e essa passagem foi um episódio de muita tristeza e saudades.

A conversa continuava e ela falava sem parar, como se precisasse de um ouvinte para as suas angústias de dúvidas em relação a sua vida e sua velhice, que me remeteu ao texto de Sarti no qual destaca a necessidade de um local de fala e de escuta para os idosos.

Não são os filhos que devem autoritariamente apresentar soluções para a vida de seus pais idosos, mas são estes que devem falar em primeiro lugar e serem ouvidos. Isto implica pensar os idosos como sujeitos não apenas dos direitos, mas também do desejo. (SARTI, 2001, p.95)

Falou que seu corpo tinha 76 anos, mas que sua cabeça era de 30, e que sentia muito por esta diferença, dizendo que “a cabeça quer, mas o corpo não responde mais”, em uma referência aos seus desejos que às vezes não são possíveis de serem concretizados pela limitação do seu corpo na velhice. Mostrou-me seu joelho operado, no qual foi colocada uma prótese – o que demonstra a limitação do corpo – dizendo que não conseguia ainda imaginar que seu joelho era de titânio, levando a pensar na longevidade com qualidade que a ciência podia oferecer aos que necessitam deste tipo de intervenção, uma vez que, segundo ela, caso não colocasse a prótese estaria condenada a uma cadeira de rodas. A este respeito Sarti afirma ainda que “hoje os recursos técnicos que antes não estavam disponíveis, como a da gerontologia e da geriatria, prevenindo males e limitações antes irremediáveis” (SARTI, 2001, p.95).

A depressão foi outro assunto que surgiu quando ela, sabendo que sou psicóloga, questionou por que tantos velhos hoje têm depressão, uma vez que em seu tempo de jovem isso não era comum. Disse a ela que os tempos são

outros e que a forma de vida contemporânea pode levar não somente os idosos a adoecerem, mas também os jovens.

Continuamos a conversar por um longo período, e olhando os convidados à mesa vi uma multiplicidade de cores e características humanas: olhos puxados, peles brancas, peles morenas, cabelos claros, escuros, pele negra, uns altos outros baixos, uns que falavam mais contidos e outros que gesticulavam com as mãos. E eu ali, olhando e me encantando com esta diversidade de pessoas e culturas que se enlaçavam através dos vínculos de família. Uma família sem fronteiras, sem diferenciação pela cor da pele ou origem.



O cafezinho e a despedida

O Sr. A. ainda tem um papel importante e ativo dentro desta família, por ser um ponto de apoio para alguns filhos que trabalham na oficina de retífica de motores que ele construiu. Conforme nos afirma Sarti (2001, p. 94) “o homem idoso que acumulou recursos financeiros durante a vida de trabalho ativo, continua amparando seus filhos e netos e a mulher idosa continua, como sempre, cuidando do marido idoso, dos filhos e dos netos”, como faz o casal de anfitriões.

O almoço chegou ao fim; eu e meu namorado nos despedimos e fomos embora. Eu, com a cabeça repleta de informações e sentimentos experimentados com aquela família, que me fez acreditar que é possível

vivermos, mesmo que com alguns conflitos, todos juntos, independentes da cor da pele e da origem. Mas, o mais importante que levei deste almoço, foi que nas relações que resultam em construção de vínculos, as diferenças de raças não existem, prevalecendo apenas o ser humano.

Referências

CORREIA, O. B. R., *O legado Familiar, a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa Livraria, 2000.

SARTI, C. A. A Velhice na família atual. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 14, n. 2, p. 91-96, maio/ago., 2001.

_____. A Família como Ordem Simbólica. *Revista de Psicologia USP*, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42289/45962>

AZEVEDO, F. "Família é prato difícil de preparar" (do romance *O Arroz de Palma*, 2008).

http://www.colegiocruzeiro.g12.br/educacao_infantil.php?jpa=textos&pst=1204011&

Data de recebimento: 18/01/2017; Data de aceite: 22/03/2017

Margherita de Cassia Mizan – Psicóloga, Especialista em Gerontologia pelo IIEP – Hospital Israelita Albert Einstein, Terapeuta Sistêmica de Família e Casal pela UNIFE-SP, Extensão em Psicogerontologia - Gerações Pesquisa e Ações em Gerontologia e Mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduandos em Gerontologia-PUCSP. E-mail: mcassia@seniorservices.com.br

Ruth G. da C. Lopes – Doutora em Saúde Pública-USP. Psicóloga. Docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) no Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia, Curso de Psicologia e Supervisora na Clínica-escola "Ana Maria Poppovic". Coordenadora do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq: Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento-NEPE. Membro da Red Iberoamericana de Psicogerontologia (Redip). E-mail: ruthgclopes@pucsp.br